Ações que certamente permanecerão em nossa história como indivíduos e Nação. São dias intensos – e a história muda quando pessoas comuns fazem coisas extraordinárias –, históricos para a nossa democracia.

Ao longo da denominada Operação Messias, com ápice em Juiz de Fora, fomos recrutados e indicados pelo amigo Danilo Balas para além do exercício do dever profissional, mas clamados à prática de uma vocação cuja formação dos três já transcorre há décadas, através de diversas áreas técnicas e, acreditem, essa vocação já foi testada inúmeras vezes – naquele dia não foi a primeira, e não seria diferente.

Nessas ocasiões, o que nos direciona ao bom combate, com êxito – e isso é uma experiência de 21 anos na área operacional que eu vivo –, é uma equipe multidisciplinar, competente e experiente. Eu sempre fui privilegiado de trabalhar continuamente em equipes nas quais agrego algum conhecimento e algumas amizades, e lá não foi diferente.

Eu não ia discorrer sobre a segunda frente de combate que o Flávio mencionou, mas enquanto ele estava lá com a guerra no chão do bar, tentando, com os outros colegas e toda a equipe, minimizar o problema, eu estava com o colega Marcelo Ramal – agente lá no Rio Grande do Norte, valoroso e profissional – tentando decidir a melhor forma de extrair o Adélio do meio daquela turba, que ainda estava com a atenção direcionada ao atentado.

Só que nós não podíamos tirá-lo de lá naquele momento, porque no local que visualizei para a retirada do Adélio estava a viatura do candidato, o Zero Um. Havia uma encruzilhada: saco o Adélio e aumento exponencialmente o risco de vida para mim e para a nossa equipe ou eu aguardo o Pelotão de Choque da Polícia Militar fazer o nosso apoio? E não saberíamos, depois, aprofundar a investigação do que viria a seguir.

A primeira decisão... Foram dois fatores que me fizeram tomar a decisão de sacar o Adélio de lá: o primeiro foram as características que eu citei, a experiência e saber até onde vai o limite de uma equipe experiente – o Marcelo Ramal é também muito experiente –, e o segundo fator que me levou, de fato, a fazer aquilo ali, foi um diálogo que eu tive com o candidato Jair Bolsonaro em frente a um elevador, lá em Osasco, 15 dias antes.

Iria ter um evento em uma rede de televisão entre os candidatos à presidência, e ele recebeu a informação de que havia um púlpito vazio lá para um ex-presidente preso e sem registro de candidatura. Ele ficou injuriado com aquilo, olhou para mim e falou assim: "Federal, império da lei, não tem registro e tá condenado", e eu, "Império da lei, Zero Um", "Vamos pra guerra?", "Vamos pro combate!", e seguimos para o debate.

Retornando agora ao 6 de setembro, acreditem ou não, o segundo fator que me fez tomar aquela decisão foi essa frase que me veio à mente: "Império da lei". Juntamente com o Marcelo Ramal, saquei o Adélio daquela turba, foi uma situação muito difícil, de violência e rapidez.

E, graças a Deus, conseguimos encontrar um local seguro e aguardar o resgate do Pelotão de Choque da Polícia Militar que foi feito para dar um apoio para a gente.

Então, excelentíssimo Sr. Deputado Danilo Balas, eu recebo com alegria e humildade a outorga do Colar de Honra ao Mérito e dedico a todos vocês que aqui estão ou que não puderam estar presente, pois, sem exceção, foram fundamentais em meu convívio, para que eu tivesse as formações pessoal e profissional para atuar naquela missão.

Agradeço ainda a Deus por exercer sua infinita bondade e nos dar a oportunidade de viver.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE - AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Senhoras e senhores, neste momento ouviremos palavras do agente federal Danilo César Campetti.

O SR. DANILO CÉSAR CAMPETTI - Boa noite a todos. Gostaria de cumprimentar o presidente desta sessão, deputado estadual Agente Federal Danilo Balas, e aproveito para estender os cumprimentos a todos os servidores da Casa e dizer que a razão de nós três estarmos nessa equipe foi a indicação do Danilo Balas, a indicação dele que nos levou até a composição dessa equipe.

Faço aqui também um registro, o deputado Eduardo Bolsonaro acabou de sair, mas queria deixar meus cumprimentos a ele; deputado estadual Gil Diniz, que andou mais de 600 quilômetros até um primeiro evento em que eu tive a honra de ser homenageado, em Votuporanga.

Esteve lá e em seguida em São José do Rio Preto, por iniciativa, aqui também presente, do meu amigo vereador Renato Pupo, na Câmara Municipal de São José do Rio Preto - no dia do aniversário da sua esposa, esteve lá também, a Alessandra. Obrigado, muito obrigado, meu irmão, pela deferência.

Gostaria também de cumprimentar aqui o tenente-brigadeiro do ar, comandante Baptista Junior, cumprimentando-o, eu estendo os cumprimentos a todos os componentes aqui integrantes das Forças Armadas; policiais militares; gostaria também de cumprimentar um grande amigo, que é o delegado de polícia Maurício José Lemos Freire, e em nome dele também cumprimento a todos os policiais civis aqui presentes.

Ele é o grande responsável por trazer o curso, em 2005, da SWAT, para o qual nós tivemos, inicialmente, mais de 300 candidatos e logramos serem aprovados 29, um total de 29, um grande amigo das fileiras da Polícia Civil.

Cumprimento também nosso chefe superintendente regional da Polícia Federal aqui em São Paulo, Dr. Filho, e em nome dele eu gostaria de cumprimentar todos os policiais federais aqui presentes; meus irmãos do GTI - Grupo de Pronta Intervenção; policiais federais que agora eu estou ombreando no Comando de Operações Táticas, que estão aqui no GIS ombreando comigo – o GIS é o Grupo de Investigações Sensíveis – e que estão aqui presentes, obrigado pela presença, meus irmãos.

Gostaria de estender os cumprimentos a minha família: minha esposa, Vanessa; meus pais, que estão aí; meus filhos, João Otávio e Maria Clara; estender os cumprimentos aos meus irmãos, João Paulo Dondelli, Flávio e aos seus familiares, que nos honram muito a presença; gostaria de também cumprimentar a todos que se deslocaram de São José do Rio Preto, de cidades longínquas, para vir prestigiar a nossa homenagem aqui.

Cumprimento também um grande amigo de longa data, meritíssimo Sr. Dr. Emílio Migliano Neto. Ainda nas fileiras da Polícia Civil, foi a primeira autoridade que eu tive a honra de fazer a segurança.

Muito obrigado, doutor, pela presença. Cumprimento também os guardas municipais aqui presentes; os amigos que se deslocaram de Catanduva, de São José do Rio Preto. Está aqui o João, o Ricardo Rivelato, estou vendo aqui o Charneski, instrutor.

Inicio com uma missão um pouco mais complicada, já que me foi dada pelos dois, então tudo bem, vamos cumprir: ontem ocorreu um fato muito terrível para nós, policiais federais – e eu acredito que para a família policial como um todo –, e em nome dos três aqui homenageados eu externo as condolências aos familiares do policial federal Ronaldo Heeren, que foi morto durante a diligência na Favela do Rola, em Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro.

Eu gostaria que a gente pudesse elevar o nosso pensamento no momento de descanso em nossas residências para que o Nosso Senhor Jesus Cristo, o receba ao seu lado e conforte seus familiares. Foi uma diligência normal, diligência corriqueira, que acabou vitimando nosso colega.

Gostaria de cumprimentar também todos aqueles que se fizeram presentes aqui hoje: vejo representantes da nossa Fenapef; vejo o escrivão Scandiuzzi também, muito obrigado pela presença.

Incumbiram-me de falar sobre a missão como um todo: foram 149 dias ininterruptos de imersão operacional na complexa missão de consecução da segurança do então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro – operação policial que teve início muito antes, com a escolha dos integrantes da equipe.

Especificamente, no que se refere a nós três, eu já falei que vale salientar a imprescindível indicação do deputado estadual Danilo Balas – muito obrigado novamente, meu irmão –, a quem agradecemos pela confiança.

Inicialmente, com 18 integrantes, os policiais federais designados tinham uma característica em comum: a voluntariedade. Todos que lá estavam pleitearam a conquista da vaga, não houve imposição, ninguém foi obrigado a ir para essa equipe, ao contrário, as vagas foram disputadas e os candidatos, rigorosamente selecionados. A indicação ratificada pela coordenação era comemorada e agregava elemento motivacional.

Sabíamos que não seria nada fácil, tendo em vista a polarização política e ideológica aliada à popularidade crescente do candidato, que notoriamente movia multidões por onde passava.

Mas, se para alguns esse contexto denotaria um cenário de dificuldades intransponíveis – visto que se tratava de fato novo, peculiar no âmbito da doutrina de segurança de presidenciáveis –, para os que se propuseram a compor esse grupo, constituía um desafio tático a ser solucionado pela conjugação de princípios operacionais, dentre eles, o que eu reputo o mais importante: o espírito de corpo.

Segundo alguns autores, trata-se de recurso coletivamente incorporado que permite a cada um dos membros de um grupo integrado participar do capital individualmente adquirido por todos os outros, e foi o reflexo dessa identidade coletiva que permeou a atuação da equipe, evidenciada em todos os eventos planejados e executados no âmbito dessa missão.

Para a conjugação de esforços, não havia barreiras institucionais. Por mais de duas décadas de atuação policial, mantive como dogma a concepção de que não devemos nos ater ao "sobrenome", entre aspas, das instituições policiais.

Sejam militares, civis ou federais, todos os policiais enfrentam no campo de batalha um inimigo comum. E a integração e união de forças proporcionam elevada superioridade técnica e tática as quais empreendem eficiência ao cumprimento da missão.

Nessa esteira, notória era a participação de policiais voluntários, inclusive aposentados, em todos os locais que comparecíamos e que, mesmo em dias de folga, não hesitavam em ombrear conosco na proteção do candidato.

Dessa forma, já era prevista a realização de "briefings", ou seja, reuniões preliminares, com aqueles irmãos aliados, os quais cumpriam com excelência tudo o que fora previamente estabelecido. A esses obstinados guerreiros, minha continência e homenagem.

O agradecimento, realmente, meus irmãos, a todos aqueles que, aonde a gente ia, todos que estavam de folga: policiais, agentes de segurança - mesmo particulares -, segurança privada, era comum – não é, Gil? – a gente chegar aos locais e essas pessoas já estarem esperando uma liderança para a gente fazer essa reunião para eles poderem compor com a gente.

Foi assim também em Juiz de Fora, policiais militares auxiliaram lá. Aí fica o meu agradecimento e a minha homenagem. Alguns poderiam dizer que isso poderia se chamar "efeito Bolsonaro" de multidões, porque o Bolsonaro era muito ligado à política; eu costumava chamar de esperança, esperança de todos aqueles que se doavam um pouco para lutar por um país melhor.

O trabalho policial é o ensejo permanente de gerenciamento de riscos, e esse fator é potencializado nas operações de segurança de dignitários e autoridades.

É bem verdade, contudo, que não há, em qualquer hipótese, a possibilidade de anular o risco – quem é policial sabe, a gente trabalha sempre com a minimização de riscos –, vide, por exemplo, os atentados que vitimaram quatro presidentes norte-americanos durante o exercício do mandato, são eles: Abraham Lincoln (1835), James Garfield (1881), William McKinley (1901) e John Fitzgerald Kennedy – o JFK, como a gente conhece – (1963), todos eles foram vitimados.

Todavia, em 1981, a tentativa de assassinato de Ronald Reagan, enquanto deixava compromisso público em Washington DC, não se consumou em virtude da atuação do líder da equipe, que, após a extração do protegido, durante o trajeto, não hesitou em manter o planejamento inicial e determinou o deslocamento do comboio ao hospital de referência, mesmo sob os protestos do mandatário, que, achando que não tinha sofrido nenhum ataque, solicitou que dirigissem até a Casa Branca.

Ao chegar ao hospital, o presidente saiu andando do carro, mas logo desabou. Soube-se depois que ele havia sido alvejado por um disparo de arma de fogo, e a decisão de ir ao hospital imediatamente salvou sua vida.

Foi assim também em Juiz de Fora, vocês sabem disso. É notório que o ponto crítico de toda a operação ocorreu no atentado perpetrado no dia 6 de dezembro de 2018, em Juiz de Fora – e o planejamento foi seguido.

Assim como no caso do mandatário americano, acima referido, a disciplina no estrito cumprimento do planejamento, bem como a conjugação de diversos fatores positivos – tais como a produtividade e a competência da equipe médica da Santa Casa local; a rápida transferência do candidato ao Hospital Albert Einstein, em São Paulo; bem como os 24 dias de internação aos cuidados da exímia equipe médica do Centro de Terapia Intensiva daquela instituição hospitalar –, contribuíram sobremaneira para a manutenção da vida do então candidato Jair Messias Bolsonaro.

Nesses termos, eu gostaria de prestar aqui uma homenagem também a toda a equipe do Dr. Macedo. Não sei se alguém está presente, mas na simplicidade dele – vocês se lembram –, todo dia de manhã nós estávamos trocando o plantão no hospital e o Dr. Macedo, ele mesmo, vinha e passava todo o boletim médico para nós.

Dois dias depois que o presidente foi transferido – eu acompanhei a transferência –, ele teve que ser novamente submetido a uma cirurgia para, segundo o dr. Macedo, sanar alguns reflexos daquela facada que ainda restaram mesmo depois.

Ele disse para gente: "Olha, eu abri novamente, só que eu apurei e constatei cada centímetro do intestino dele". Durou oito horas, e foi motivo de grande tensão para a gente – o Flávio e o Dondelli lembram. Durou oito horas a cirurgia, depois houve outras ao decorrer e, graças a Deus, o nosso Zero Um está firme e forte.

Por fim, vale ressaltar o privilégio de conviver durante quase cinco meses com a companhia do presidente Jair Bolsonaro e de seus familiares. É bem verdade que a atuação policial dirigida à segurança de dignitários e autoridades é naturalmente invasiva e deve lidar com diferentes interesses, tais como segurança e privacidade.

A correta mensuração desses fatores, sempre aliada ao bom senso, proporciona o alcance do objetivo pretendido, adequando-se de forma eficiente ao trabalho e assegurando ao protegido e familiares o sagrado direito à privacidade. Com o decurso do tempo da atuação assecuratória, é natural e pretendido que ocorra uma sinergia entre os protetores e protegidos para o melhor desempenho das atividades.

A simplicidade – deputado meu xará, Danilo Balas, e Gil – sempre aqui repetida, com a qual o presidente se dirigia aos integrantes da equipe, o fácil trato, sem burocracia, bem como suas recorrentes demonstrações de humildade e justiça, proporcionaram à equipe um ambiente propício à conclusão exitosa dos trabalhos.

Não raro, éramos surpreendidos com a presença do presidente, já eleito, nos nossos postos de trabalho, em sua residência no Rio de Janeiro, o qual permanecia em conversa conosco por longos períodos e recorrentemente dizia: "Guerreiro, esse negócio de presidente não sobe na minha cabeça, não".

Humano e atento aos fatos, intervém a favor de integrantes da equipe no dia 28 outubro de 2018, pouco depois de sagrar-se vitorioso no certame eleitoral, a favor desses dois - já estava eleito e se preocupou com o ato de injustiça que estava sendo cometido contra esses dois.

Pela primeira vez, uma equipe de segurança – que ao final da missão somava aproximadamente 50 integrantes, como o Flávio falou – foi convidada, com acompanhantes, para o coquetel de posse presidencial no Palácio Itamaraty.

Diversos outros fatos corroboram o tratamento adequado e o sentimento de gratidão para com os policiais que atuaram nessa missão. Afastando o eventual deslumbramento que porventura tenha acometido alguns integrantes – mesmo porque, como foi dito, a equipe era composta de policiais federais experimentados, componentes e líderes de equipes em outras missões com diversos chefes de estado e governo, e não nos cabia cair no deslumbramento, nós não podíamos, nós tínhamos que fazer o nosso trabalho, nós tínhamos que atuar –, a empatia era natural.

Nessa esteira, podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que o capitão Jair Messias Bolsonaro é imune aos efeitos colaterais e perniciosos do poder e, como o Flávio disse sobre a questão de que todo dia a gente tomava café com ele, era todo dia de manhã. Ele chegava lá e dizia: "Guerreiro, voluntário para buscar os pães" E, sempre quem estava entrando ia buscar, e ele ia fazer o café.

Quando a gente retornava, o café estava pronto. E nós nos sentávamos à mesma mesa que ele recebia representantes de estado estrangeiros, com a mesma caneca da Frozen e com leite condensado.

Foi assim também, meus amigos, no dia 29 de outubro, de manhã, no dia que ele se sagrou vitorioso. É por isso que nós podemos afirmar, peremptoriamente, que Jair Messias Bolsonaro é imune a esses efeitos; foi assim também depois de mais de nove meses que nós já não tínhamos contato – porque a Polícia Federal saiu, pois logo que o presidente toma posse, o Gabinete de Segurança Institucional assume - eu fui designado a compor a equipe de segurança do ministro de Justiça e Segurança Pública, Sérgio Fernando Moro.

E estive um dia com o ministro Moro e o diretor-geral da Polícia Federal, Dr. Valeixo, no Palácio da Alvorada. Nesse dia, o presidente estava retornando de uma cirurgia, ainda estava com a cinta que protege, e quando ele veio acompanhar o ministro Moro e o nosso diretor-geral ao carro, eu estava compondo a equipe, estava no carro de trás, até falei com minha colega.

Minha colega disse: "Aí, o presidente. Você podia me apresentar, eu queria tirar uma foto com ele". Eu falei: "É só você sair da viatura que nada vai mudar"; e ela falou: "Não, mas é um absurdo"; e eu falei: "Não, pode sair", e nós saímos. A hora que me viu, ele falou: "Campetti, vem cá!".

Ele veio, me deu um abraço, conversamos lá por alguns minutos, ele fez uma brincadeira lá: "Essa moleza, com o Moro você não está trabalhando nada, tem que vir trabalhar comigo de novo"; e eu falei: "Estamos à disposição, presidente", para provar que realmente nada mudou. Como a gente diz – não é meus irmãos? – nada mudou.

Finalizando, estendendo essa homenagem a todos os colegas que compuseram a Equipe Messias, assim denominada, e dirigindo-me em especial aos meus amigos aqui também homenageados, Flávio e Dondelli, componentes comigo, inicialmente, do núcleo São Paulo – nós fomos os únicos de São Paulo que compuseram a equipe no início dessa missão –, com os quais tive a honra de construir uma verdadeira irmandade, que certamente perdurará pelo restante da nossa existência.

Externo toda a minha gratidão, meus irmãos, pela lealdade, parceria e proteção mútuas - como o Dondelli disse, foram muitas batalhas, não só externas -, ao passo que aproveito a oportunidade para retificar uma mensagem eternizada nos meios militares que preconiza: "As amizades forjadas no campo de batalha jamais fenecem".

Obrigado, meus irmãos. Obrigado, que Deus acompanhe a todos.

O SR. PRESIDENTE - AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Já chegando ao fim desta solenidade, teremos palavras breves do proponente.

Tenente-brigadeiro Baptista, delegado Lindinalvo Filho, Dr. Filho, Gil Diniz – meu colega de bancada, deputado estadual –, senhoras e senhores militares e civis aqui presentes, muito obrigado por estarem numa sexta-feira à noite, Valentine's Day -14 de fevereiro, até quase 22h00min., aqui em nossa companhia.

Ouvimos o relato de policiais federais que realmente estavam no dia do ocorrido. É muito fácil comentar atrás de uma câmera ou no sofá de casa que o policial errou ou acertou, mas difícil mesmo é estar no local da ocorrência, por isso fiz questão de homenageá-los, porque vocês merecem, meus irmãos, e vocês sabem exatamente o que aconteceu no dia do atentado, sem delongas.

Em meados de 2018, recebi uma ligação de Brasília, do setor responsável pela segurança dos candidatos à presidência da República. Era um convite para compor a equipe que faria a segurança do então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro.

Minha resposta foi que não poderia fazer parte da equipe por questões óbvias: sairia candidato a deputado estadual, naquele mesmo ano. Uma outra pergunta me foi feita: se eu conhecia e indicaria algum policial federal para efetuar o trabalho mencionado.

Disse que sim e passei para Brasília o nome de três policiais federais: Flávio Gomes, João Paulo Dondelli e Danilo Campetti – sem receio de errar, uma vez que conhecia o trabalho de cada um de vocês.

A homenagem de hoje reconhece o trabalho desempenhado nas eleições, quando esses policiais efetuaram toda a segurança do nosso presidente. Foram meses de viagens por todo o Brasil e situações adversas até o momento do atentado contra o presidente.

Sem a rápida atuação deles, o presidente não estaria vivo. Vocês salvaram a vida de Jair Messias Bolsonaro e também salvaram nosso País. (Palmas.)

Meus irmãos, vocês honram cargo que são investidos e são motivo de orgulho a seus familiares, aos amigos, aos colegas de trabalho e a todo o povo brasileiro, e por isso são merecedores da mais alta condecoração do Legislativo paulista. Parabéns, meus irmãos, o Brasil os agradece. Muito obrigado.

Queria agradecer aqui e, esgotado então objeto da presente sessão, a Presidência agradece as autoridades, a minha equipe, os funcionários dos serviços de Som, da Taquigrafia, de Atas, do Cerimonial, da Secretaria Geral Parlamentar, da Imprensa da Casa, da TV Legislativa e das assessorias policiais Civil e Militar, bem como a todos que, com as suas presenças, colaboraram para o êxito da solenidade.

* * *

- É encerrada a sessão às 21 horas e 44 minutos.

* * *

28 DE FEVEREIRO DE 2020
16ª SESSÃO ORDINÁRIA

Presidência: CORONEL TELHADA
e MARCIO DA FARMÁCIA
Secretaria: MARCIO DA FARMÁCIA

RESUMO

PEQUENO EXPEDIENTE

1 - CORONEL TELHADA
Assume a Presidência e abre a sessão.
2 - MARCIO DA FARMÁCIA
Lamenta o falecimento do ex-deputado estadual e ex-prefeito de Diadema, Gilson Menezes, ocorrido em 23/02. Discorre acerca da vida e da carreira do político.
3 - CARLOS GIANNAZI
Tece comentários sobre a votação da reforma da Previdência estadual que deve acontecer no dia 03/03. Critica o Governo do Estado. Apela aos pares que não prejudiquem o funcionalismo público. Menciona mobilização que deve ocorrer, nesta Casa, contra a citada votação.
4 - MARCIO DA FARMÁCIA
Assume a Presidência.
5 - CORONEL TELHADA
Parabeniza municípios que aniversariam hoje. Lembra término da Guerra do Golfo, ocorrido há 29 anos, nesta data. Agradece a visita do Sr. Luiz Maurício, prefeito de Peruíbe, nesta Casa, ontem. Anuncia que em 30/03 deve participar de uma palestra sobre carreiras militares, no município citado. Exibe fotos e comenta sua participação em evento no Conseg da Freguesia do Ó. Elogia a instituição. Relata ocorrência em que policias militares realizaram parto dentro de viatura. Enaltece os profissionais que participaram da ação. Elenca projetos de sua autoria que foram apresentados no mês de fevereiro. Solicita o apoio de seus pares.
6 - CORONEL TELHADA
Assume a Presidência.
7 - MAJOR MECCA
Elogia a Polícia Militar do Estado de São Paulo. Divulga matéria publicada no jornal "Folha de S.Paulo" a respeito da não ocorrência de roubos a bancos, no mês de janeiro. Lamenta os baixos salários da corporação. Lista os vencimentos de profissionais da categoria. Exibe vídeo de discurso de campanha do governador João Doria, acerca da valorização salarial de servidores da Segurança Pública. Cobra o cumprimento das promessas.
8 - JANAINA PASCHOAL
Lê e comenta o Art. 3º da proposta da reforma da Previdência estadual que discorre acerca da aposentadoria do servidor. Reflete sobre a convicção do voto favorável ou contrário à matéria. Afirma não acreditar em voto via pressão.
9 - CARLOS GIANNAZI
Rebate a reforma da Previdência estadual. Cita vários itens da proposta que, a seu ver, devem prejudicar o funcionalismo público. Convoca os servidores para manifestação no dia 03/03, nesta Casa.
10 - JANAINA PASCHOAL
Discorre acerca de crise entre parlamentares federais e o presidente Jair Bolsonaro. Argumenta posição contrária a manifestações contra o Congresso Nacional, que devem ser realizadas no dia 15/03.
11 - CARLOS GIANNAZI
Comenta participação em audiência pública, realizada ontem, que discutira a concessão das linhas 8 e 9 da CPTM. Lamenta a demissão de trabalhadores da CPTM. Comunica que no próximo dia 16/03 deve haver audiência pública, nesta Casa, para debater o tema. Critica o Governo do Estado por política de privatização.
12 - CARLOS GIANNAZI
Solicita o levantamento da sessão, por acordo de lideranças.
13 - PRESIDENTE CORONEL TELHADA
Defere o pedido. Convoca os Srs. Deputados para a sessão ordinária de 02/03, à hora regimental, sem Ordem do Dia. Levanta a sessão.

* * *

- Assume a Presidência e abre a sessão o Sr. Coronel Telhada.

* * *

- Passa-se ao

PEQUENO EXPEDIENTE

* * *

O SR. PRESIDENTE - CORONEL TELHADA - PP - Presente o número regimental de assinaturas de Sras. Deputadas e Srs. Deputados, sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos. Esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior e convida o nobre deputado Marcio da Farmácia para ler a resenha do Expediente.

O SR. MARCIO DA FARMÁCIA – PODE - Temos uma indicação do deputado Douglas Garcia. Indica, nos termos do Art. 159 e seguintes, do Regimento Interno da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, ao Excelentíssimo Sr. Governador do Estado de São Paulo, a adesão ao programa Tempo de Aprender, do Ministério da Educação. Indicado pelo deputado Douglas Garcia.

Está lida a resenha, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - CORONEL TELHADA - PP - Muito obrigado, Sr. Deputado. Vamos, portanto, aos oradores inscritos no Pequeno Expediente.

Primeiro deputado, deputada Janaina Paschoal. (Pausa.) Deputado Delegado Olim. (Pausa.) Deputado Castello Branco. (Pausa.) Deputado Tenente Nascimento. (Pausa.) Deputado Major Mecca. (Pausa.) Deputada Adriana Borgo. (Pausa.) Deputado Coronel Nishikawa. (Pausa.) Deputado Carlos Giannazi. (Pausa.) Deputado Daniel José. (Pausa.) Deputada Carla Morando. Deputado Jorge Wilson Xerife do Consumidor. (Pausa.) Deputado Coronel Telhada. Farei uso posteriormente da palavra. Deputado Adalberto Freitas (Pausa.) Deputada Damaris Moura. (Pausa.) Deputado Douglas Garcia. (Pausa.) Deputada Valeria Bolsonaro. (Pausa.) Deputado Alex de Madureira. (Pausa.) Deputada Marta Costa. (Pausa.) Deputado Emidio Lula de Souza.

Pela lista suplementar. Deputado Enio Lula Tatto. (Pausa.) Deputado Marcio da Farmácia. Vossa Excelência tem o tempo regimental.

O SR. MARCIO DA FARMÁCIA – PODE - SEM REVISÃO DO ORADOR - Obrigado, deputado Coronel Telhada. Venho hoje na tribuna, cumprimentar a todos que estão presentes hoje aqui. E falar de um acontecimento que teve no dia 23/2, domingo, que foi o falecimento do ex-prefeito Gilson Menezes. Um grande amigo, um grande parceiro, um grande homem e colaborador da cidade de Diadema. Venho aqui discorrer algumas palavras, em nome dele, como homenagem.

Gilson Luiz Correia de Menezes nasceu em Miguel Calmon, no estado da Bahia, dia 6 de julho de 1949. Em busca de uma oportunidade de vida melhor, migrou para a cidade de Diadema, ainda criança, com seus pais e seus quatro irmãos.

Na adolescência, começou a trabalhar como operário de ferramenteiro nas fábricas do ABC, na Petri, que passou, logo mais, em 1973, para a Scania, passando também pela Mercedes-Benz.

Nesse período, ele já começou a discorrer e falar sobre movimentos políticos na região. E, em 1980, ele ajudou a fundar o PT na região do ABC. Em 1982, ele foi candidato a prefeito pelo PT na cidade de Diadema, e ganhou as eleições, onde fez um trabalho formidável até o ano de 88.